CENÁCULO

.134.3-1Guilhad
P

CENÁCULO

Condições de Assinatura

//

ASSINATURA ANUAL (4 números) . . . . 20$00 (mínimo)
NÚMERO AVULSO – 5$00

PARA SEMINARISTAS

ASSINATURA ANUAL (4 números) . . . . 15$00 (mínimo)
NÚMERO AVULSO – 4$00

PAGAMENTO ADEANTADO

1 — Para os assinantes que não paguem a sua assinatura directamente, acrescem as despesas de cobrança.
2 — Publicaremos os nomes de todos os assinantes que paguem mais do que o preço mínimo da assinatura.
3 — Consideramos Benfeitores insignes todos os assinantes que paguem de 50$00 para cima pela sua assinatura anual.

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 27407

D. João Garcia de Guilhade

— quem foi? onde nasceu?

Barcelone
Perm.

EM vigor já antes de ser proclamada a nossa independência [1] o trovadorismo luso-galego atingiu a máxima difusão e intensidade no tempo do *Bolonhês* – em pleno século XIII, por conseguinte.

Basta, para ajuizarmos dele, conferir o *Regimento da Casa Real* de 11 de Abril de 1258 [2] e um decreto de Março de 1261 [3]: tanto num como noutro, restringe D. Afonso III o acesso à Corte e a permanência aí dos jograis e soldadeiras, para obstar aos dispêndios que a manutenção deles e delas importava [4]. Sabemos, além disso, por outras vias, que os autores representados nos cancioneiros são, em grande maioria, do século XIII.

Foi, também, nessa idade áurea, que floresceu o trovador João Garcia de Guilhade.

Tanto nos próprios cantares como nos alheios, nunca o seu nome aparece completo. Assim · Rui Queimado, na cantiga 142 do Cancioneiro da Ajuda, João Soares Coelho, na 1024 do da Vaticana, e o próprio Guilhade, nas cantigas 354 e 358 deste mesmo Cancioneiro, usam a forma *João Garcia*; do mesmo modo, no *degredo* 20º do citado *Regimento da Casa Real*, aparece *dom Joham Garcia*, e, no *Decretum Domini Regis* de 24 de Janeiro de 1251 [5], *Johanes Garsie* é testemunha presente. Por outro lado, a forma *João de Guilhade*, lê-se nas cantigas 343, 346, 348, 369 e 371 do

---

(1) Já em Guimarães, na corte de D. Teresa, parece ter existido o trovador Egas e o jogral-bufão D. Bibas, personagens, um e outro, do romance histórico *O Bobo*, de Herculano.

(2) *Leges et Consuetudines (Port. Monum. Hist.)*, pág. 198 e sgs.

(3) *Ibidem*, págs. 202-210.

(4) Providências análogas foram tomadas por Jaime I de Aragão, em 1235, e por Afonso X, nas Cortes de Valhadolid, em 1258.

(5) *Leg. et Consuet.*, pág. 190.

Canc. da Vaticana, todas elas da autoria do próprio poeta, e igualmente num documento, que abaixo citarei, do *Censual da Sé do Porto*.

Finalmente, João Soares Coelho, na cantiga 1022 do C. da Vaticana, emprega, ora a forma *Johan Garcia*, ora *Johan de Guylhade*, consoante o exige a rima, por exemplo, com *sancta Maria* e *m'ascuytade*, respectivamente. *João* era o nome de baptismo; *Garcia*, tomou-o, provàvelmente, do pai; *Guilhade*, da terra em que nasceu — a julgar pelo costume de então; nem de outro modo pensa a emérita investigadora Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1).

Demonstrar a naturalidade de João Garcia — eis o objectivo principa- deste estudo. Antes, porém, vou responder a uma pergunta que, sem dúvida, está já dominando o pensamento do leitor:

I — Quem foi João de Guilhade?

— Foi **TROVADOR** "Eu sempre *trovei* a boas damas, e não a amas de cria" — afirma ele mesmo a Soares Coelho. E a *História Compostelana* conta-o no número dos *trovadores* da hoste de D. Rodrigo Gomes de Trastamara (2).

Os seus cantares, ao todo 55, dão jus a que o consideremos o trovador mais fecundo do tempo, depois de João Airas e Afonso X.

As cantigas *de amor*, 17, e *de amigo*, 21, nem sabem ùnicamente ao ao gosto popular, como as de Pedro Solaz, nem são de feitura arrebicada como as de Pero da Ponte; nelas — assim se expressa Carolina Michaëlis — a musa palaciana entra em consórcio íntimo com a do povo. Caracteriza-as, sobretudo, uma feição idealista, uma indecisão entre o viver em *coitas* de amor e o morrer para se livrar delas, e alguns trocadilhos interessantes, como, por exemplo, o que se segue (em que o poeta se refere aos próprios olhos):

Choran e cegan quand'alguen non veen,
e ora cegan por alguen que veen.

---

(1) *Cancioneiro da Ajuda*, 2.º vol., pág. 410.

(2) Cf. José Joaquim Nunes, *A propósito da Naturalidade dos trovadores galego-portugueses*, in-*Revista Lusitana*, vol. XXVI, pág. 166.

As cantigas *de maldizer* – que, polvilhadas de sarcasmos e obscenidades, não respeitam jograis nem infanções, casadas nem solteiras –, além de que revelam o carácter donjoanesco e adulteroso do poeta, demonstram que ele soube, como poucos, manejar a palheta satírica, tão do gosto e inclinação dos Lusíadas. São atingidos: – o jogral Lourenço (1), a quem ameaça "o citolon na cabeça quebrar"; *Martin jograr* (2); Elvira Lopes (3); um infanção *unhas de fome* (4); outro (ou o mesmo?), infanção o mais *torto* que o poeta viu (5); Dona Ouroana, a *fraquelinha molher* (6); um certo *dom foam* (7); e uma "dona fea, velha e sandia" (8).

Da leitura de poesias tão ligeiras e agradáveis, harmoniosas e expressivas, como as que deixou, deduz-se claramente que ele foi um dos espíritos mais cultos da época e do meio em que viveu.

Não lhe era desconhecida a literatura de além-Pirenéus: demonstra-o a referência directa a *Brancafrol* e *Flores* (9), personagens da adaptação francesa, *Floire et Blanchefleur*, de uma novela que tem por fundamento a amorosa constância dos dois protagonistas daqueles nomes.

É interessante, ainda, notar que João Garcia de Guilhade foi, dos bardos lusíadas, o primeiro que, como depois havia de suceder ao Primo de Isabel Tavares, se deixou enfeitiçar de uns "olhos verdes" (10).

— Era FIDALGO Ele mesmo se chama *cavaleiro*, na cantiga 343 do Cancioneiro da Vaticana. Além disso, no documento do *Censual* a que anteriormente aludi, *Iohannes de Aguiladi*, com o aposto *miles* = cavaleiro =, é testemunha presente à doação do padroado da igreja de Santa Cruz de Leça ao Bispo e Cabido portuenses (11).

---

(1) *Canc. da Vaticana*, cantigas 1104-1107.
(2) *Ibid.*, cs. 1101 e 1102.
(3) *Ibid.*, cs. 1099 e 1100. Talvez a filha de D. Urraca de Leão e neta de D. Afonso IX, D. Mecia Lopes de Haro, com a qual D. Sancho II teve "consórcio de amor", e cujo nome deturparam, chamando-a *Elvira Lupi*. (Cf. C. Michaëlis, *Em Volta de Sancho II*, apud *Lusitânia*, vol. II, pág. 9. n. 4)
(4) *Canc. da Vat.*, c. 1103.
(5) *Ibid.*, c. 1108.
(6) *Ibid.*, c. 1109.
(7) *Ibid.*, c. 1110.
(8) *Ibid.*, c. 1097.
(9) *Ibid.*, c. 358.
(10) *Canc. da Vat.*, c. 344, e *Canc. da Ajuda*, c. 229.
(11) O documento é datado de 31 de Julho de 1277 (era de César), ou seja, de 1239 da era de Cristo; reinava então D. Sancho II (Cf. José Joaquim Nunes, *loc. cit.*).

Uma vez, pois, que, tanto os cancioneiros como os nobiliários, não registam nobilitação alguma de trovadores [1], é de admitir a nobreza de linhagem do poeta, sequer desde os bisavós; como se explica, de outra forma, o seu cavaleirado?

E, da mesma nobreza de origem, temos ainda provas, confirmativas quando menos:

no título de *dom*, que aparece justaposto ao nome [2];

no facto de ter vivido *en cas d'el rey* [3], onde desempenhou altos encargos (cf. o *degredo* 20º do *Reg. da Casa Real* e o também já citado *Decretum Domini Regis*); e

em se haver interessado amorosamente por senhoras nobres – *donas muy boas, ricas hembras*, como naquele tempo eram chamadas – de quem era correspondido e recebia prendas de amor [4].

II – A Naturalidade

Erros e Imprecisões

Sobre a naturalidade de João Garcia, há várias opiniões: Carolina Michaëlis [5], tomando acertadamente *Guilhade* por designativo do lugar em que o poeta nasceu, atribui à Galiza a honra de lhe ter dado o berço, porquanto "só lá é que subsistem várias localidades Guilhade: tres na comarca de Lugo e uma em Pontevedra."

O Cónego compostelano D. António López Ferreiro [6], baseado, segundo parece, no facto de se haver João Garcia enfileirado na hoste de D. Rodrigo de Trastamara, reivindica a mesma glória para as terras de além-Minho.

Ramón Menéndez Pidal [7] e Hernâni Cidade [8] chamam-lhe, res-

---

(1) Cf. Michaëlis, *Canc. da Ajuda*, vol. 2.º, p. 410, n.º 2. Com a opinião da mesma senhora está conforme o Sr. P.e Arlindo Ribeiro da Cunha, pois afirma ser o trovador "quási sempre filho d'algo". (*A Língua e a Literatura Portuguesa*, ed. de 1945, pág. 52).

(2) Por ex., nas cs. 346, 348, 354 e 358 do *Canc. da Vat.* e no 20º *degredo* do *Reg. da Casa Real*.

(3) Lê-se esta perícopa, que eu saiba, nos cantares 347 e 1103 (não 1105, conforme erradamente diz C. Michaëlis). do *Canc. da Vat.*

(4) Cf. a c. 1501 do *Canc. Colocci — Brancuti* (cit. por C. Michaëlis) e, no da Vaticana, as cs. 1024, de Soares Coelho, e 348 e 359 de J. de Guilhade.

(5) *Cancioneiro da Ajuda*, 2.º vol., págs. 409 e 410.

(6) Cf. José Joaquim Nunes, *loco citato*.

(7) *Poesía Juglaresca y Juglares*, pág. 142.

(8) *Poesia Medieval*, pág. XVIII.

pectivamente, *caballero gallego* e *trovador galego*; nenhum, todavia, apresenta razões.

De diferente modo pensa José Joaquim Nunes [1] que, tendo achado no nosso país dois topónimos *Guilhade* e, no citado documento do Censual, o nome do poeta, ùnicamente deduz: " não se pode afirmar que fôsse galego o trovador a que me estou referindo ".

*

* *

— A posição da, não obstante, insigne lusófila cai pela base, pois é erróneo afirmar que só na Galiza haja sítios *Guilhade*. Em confirmação, basta indicar os dois lugares desse nome, citados por J. J. Nunes — um no concelho de Paredes e outro no de Marco de Canaveses. E, se folhearmos as *Inquirições* de D. Afonso III (1258), encontraremos *Guiladi* em Nespereira - Guimarães [2] e em S. Martinho da Gândara [3], e *Guilado* em Doçãos — Vila Verde [4].

— De haver João Garcia figurado no contingente de D. Rodrigo de Trastamara — senhor de terras na Galiza — não se deverá, também, concluir que aqui tivesse nascido. De facto, se, como diz Menéndez Pidal, nas conquistas de Sevilha (1248) e de Córdova (1236) iam na hoste de D. Rodrigo " muchos juglares y trovadores conterráneos suyos ", podia suceder também — e nada obsta — que nelas houvessem tomado parte alguns alienígenas, mormente se estes eram, como Garcia, cavaleiros-trovadores.

Vàriamente se pode explicar esta ingerência: — ou devido ao carácter internacional, *maxime* entre Galegos e Portugueses, do trovadorismo; ou porque o trovador ou cavaleiro fosse em romagem a Compostela — e Gui-

---

(1) *Loc. cit.*, págs. 166 e 167.
(2) *Inquisitiones (Port. Mon. Hist.)*, pág. 725, 1.ª col. (2.ª alçada).
(3) *Ibid*, 1.ª alç, pág. 403, 1.ª col..
(4) *Ibid.*, pág. 437. *Guilado* e *Guiladi* são um e o mesmo nome, diferindo sòmente no caso: a primeira forma vem do acusativo, e a segunda do genitivo do gótico * *Wilihathus*, que já aparece latinizado *(Viliatus)* num documento de 870 *(Dipl. et Chartae*, pág. 5). O mesmo se diga das formas *Guilhado* e *Guilhade*.

lhade parece ter ido [1] – e, uma vez lá, quer espontâneamente, quer convidado, se alistasse na campanha contra os infieis da Andaluzia: que este era um meio de revelar as *gestas*, o pundonor e demais qualidades então exigidas num cavaleiro.

Note-se, ainda, que, nesta ou naquela hipótese, se tratava de combater o inimigo comum – a moirama. Não é de estranhar, portanto, se admitissem no mesmo exército indivíduos de diferentes nacionalidades.

– Finalmente, José Joaquim Nunes, com abalar os argumentos de Carolina Michaëlis e de López Ferreiro, tornou problemática a demonstração das duas teses. E a questão ficou indecidida.

Muito adrede vem, pois, o dar-lhe

Solução satisfatória – Que João de Guilhade foi português, não resta dúvida. Com efeito, não é provável que, sendo estranjeiro,

desempenhasse altas comisssões junto do Rei de Portugal, a ponto de intervir na questão das *luituosas* [2];

fosse admitido a testemunhar o *Decretum Domini Regis*, de D. Afonso III, e um facto de importância como é a doação do padroado da igreja de Leça;

se referisse a várias localidades portuguesas, ao passo que nenhum topónimo galego se vê em suas composições; e, não português, só se encontra um – Segóvia – de que abaixo falarei;

ainda mesmo longe da pátria, em Segóvia, só se lembrasse de uma terra portuguesa – Faria; e

quisesse figurar entre "quantus trobadores no reyno som de Portugal", como se infere da c. 370 do Canc. da Vaticana.

E, quando isto não bastasse, haveria ainda, no que vou imediatamente expor, um argumento decisivo.

---

(1) Assim se depreende de dois cantares seus do "Canc. da Vaticana": No 356, a amada queixa-se da demora do amigo, pois

Quand' el ouv'a fazer a romaria
poz-m' um dia talhado
que vyess' e nom vem...

Dá-se a entender que o santuário ficava mui distanciado, por isso mesmo que a romagem levava dias.

E, na cantiga 352 do mesmo apógrafo, Guilhade põe na boca da armada palavras relativas à chegada do amigo.

A devoção a Sant'Iago da Galiza era, nesses tempos, a devoção nacional da Península; muitos trovadores, como Airas Nunes, Pero Amigo, Fernando Esquio, Airas Corpancho e Paio Gomes Charinho, aludem à romaria a Compostela. (Cf. Teófilo Braga, *Canc. Portuguez da Vat.*, págs. LXI e LXII).

(2) Cf. o *degredo* 20º do cit. *Regimento da Casa Real.*

*
* *

– Qual foi, afinal, o sítio *Guilhade* em que o poeta nasceu?

Nas cantigas de João Garcia, não achei senão quatro topónimos – Barcelos, Faria, Segóvia e Santarém.

O último, nenhum dado presta à solução do problema, pois que o trovador o usou, simplesmente, para dizer que foi visto na Capital do Ribatejo o *peão* com quem a difamada Elvira Lopes teve intimidades desonrosas (1).

É em dois cantares do Cancioneiro da Ajuda que aparecem os três primeiros. No cantar 236 lê-se:

D'aqui vej'eu Barcelos e Faria,
e vej'as casas u ja vi alguen,
per bõa fé, que me nunca fez ben!

E, no 238:

Ay! que de coita levei en Faria!
e vin aqui a Segobia morrer, etc.

A palavra *nunca* do primeiro recorte, traduz bem a permanência do poeta em qualquer sítio das proximidades de Barcelos e Faria. O mesmo parece significar o termo *sempre*, que se lê, um pouco antes, na mesma cantiga 236:

Ca ja sempr' *eu veer ia d'aqui*
aquelas casas u mia senhor vi, etc.

Pelo que se refere ao traslado da cantiga 238, o segundo verso dá-nos a entender que João de Guilhade estava, ao compô-la, em Segóvia, a noroeste da serra de Guadarrama – porventura nalgum acampamento da hoste de D. Rodrigo de Trastamara, quando este se dirigia contra os mouros da Andaluzia; o primeiro verso faz-nos saber a localidade em que morava a *senhor* que *nunca fez bem* ao *coitado* que, portanto, devera residir não longe de Faria.

---

(1) "Canc. da Vaticana", c. 1100.

É certo, pois, que João Garcia de Guilhade viveu e permaneceu, em espaço de tempo que não posso determinar, em qualquer sítio das imediações de Barcelos e Faria.

E, se nelas houvesse algum topónimo *Guilhade*, a existência dele bastaria para a solução do problema.

Ora em Milhazes — aldeia confinante, pelo sudoeste, com a de Faria, e também pertencente ao concelho de Barcelos — há o lugar de *Guilhado* (1), na fralda ocidental do monte da Franqueira. É interessante que esse lugar, bem como toda a freguesia a que pertence, está situado entre Barcelos e Faria, em linha recta.

Guilhado e *Guilhade* são, como já foi anteriormente observado, um e mesmo nome, deferindo apenas em caso. *Guilhade* (genitivo) quer dizer "descendente de Guilhado" ou "nascido em Guilhado", conforme lhe dermos significação *patro* ou *toponímica*.

Pelo que ao nosso caso respeita, deve tomar-se *Guilhade* na última significação, já porque assim o exige a preposição *de*, que em onomástica geralmente se apõe ao nome da terra natal (2), já porque os patronímicos — Dias, Nunes, Pais, Henriques, etc., etc. — são genitivos sem preposição alguma. Além disso, o patronímico do nosso poeta é *Garcia*.

Posto isto, julgo haver provado que o poeta nasceu em Guilhado, em Milhazes.

*

* *

E as relações de João Garcia com dois poetas contemporâneos dele — Rui Queimado e o jogral Martim — afiguram-se-me comprovativas desta asserção.

— Rui Queimado chama-lhe, abertamente, "meu amigo" (3).

Ora, em S. Martinho de Vila Frescainha (em Barcelos), há o lugar do *Queimado* que, conforme se vê na pág. 280 do *Onomástico Medieval Português* de A. A. Cortesão, é apelativo de homem e já aparece nas *Inquirições* de 1258 (4).

---

(1) Sobre a existência do lugar, cf., p. ex., as *Tradições Populares, Linguagem e Toponymia de Barcellos* (Esposende, 1915), do P.e A. Gomes Pereira, na pág. 370.

(2) Temos disso exemplos sem conta; basta indicar, por agora, D. João Rodrigues de Briteiros e Pero da Ponte, ambos trovadores.

(3) "Cancioneiro da Ajuda", c. 142.

(4) Ou fosse erro de tipografia, ou lapso de A. A. Cortesão, o certo é que *Queimado* não aparece, como ele afirma, na pág. 587 das *Inq.* de D. Afonso III.

Não seria Rui Queimado natural de V. Frescainha? – A resposta deve ser afirmativa, tanto mais que não existe, que eu saiba, outro lugar do *Queimado*.

Isto admitido, é provável, também, que o amigo de Rui morasse relativamente perto de V. Frescainha – e nestas condições estaria, se houvesse nascido e vivido em Milhazes.

– A respeito de *Martin jograr* (1), opino que, como Lourenço, foi muassalariado do trovador: ao menos, é o que faz supor o tratamento humilhante que a ambos dispensa João de Guilhade.

Carolina Michaëlis não soube – ela mesma o confessou – identificar a pessoa de Martim.

Não terá sido Martim de Ginzo – que Pidal (2), não sei por que razão afirma ser galego?

Ginzo é o nome de um lugar que já constituiu freguesia e pertence hoje à de S. Pedro de Alvito, do concelho de Barcelos.

Reivindicada para Ginzo a naturalidade do jogral que o tomou para apelido, e identificado *Martin jograr* com Martim de Ginzo, chegar-se-ia à mesma conclusão que formulamos acerca de Queimado.

*

* *

Uma dificuldade, por último, se nos apresenta.

É que, de Guilhado, em Milhazes, só se vê Faria, e não Barcelos: parece, pois, que a realidade não se harmoniza com o citado passo da cantiga 236 do apógrafo da Ajuda.

Tal desconformidade, porém, não é mais do que aparente. De facto, pode, muito bem, ter sucedido que o poeta compusesse a trova em qualquer sítio fora da própria habitação – e não precisava de ir longe para ver ao mesmo tempo as duas localidades, pois o Castelo de Faria, que, assente em Milhazes, dista de Guilhado apenas um quilómetro, está precisamente nessas condições panorâmicas. E, para um *esfomeado* de inspiração, raros sítios

---

(1) Cf. "Canc. da Vaticana", cs. 1101 e 1102.
(2) *Poesía Juglaresca y Juglares*, pág. 34.

há tão favoráveis ao plectro, como o teso em que domina o velho castro, rodeado de sobreiros e enormes pinheirais estendidos pela encosta, e debruçados sobre o Cávado que, lá em baixo, procura, lentamente, preguiçosamente, o mar de Fão, que ao longe se divisa...

Note-se ainda, além do mais, que, como autorizadamente escreveu o Senhor Padre Arlindo Ribeiro da Cunha, " há sítios que mudam de nome e lugares que mudam de sítio " (1). E não pode ter acontecido com o lugar de *Guilhado* o mesmo que com tantos outros?

C O S T A L O P E S

(1) *Monografias*, artigo inserido na página das "Ciências, Artes e Letras do «*Diário do Minho*» de 19-IV-1946.

BIBLIOTECA
MUNICIPIO DE BARCELO

biblioteca
municipal
barcelos
27407
D. João de Guilhade